



1290004145

TCC/UNICAMP  
R339e  
FE

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Coordenação de Pós-Graduação

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



UNICAMP  
2008

200921149

© by Marilda Aparecida Rezende, 2008.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

R339r	<p>Rezende, Marilda Aparecida</p> <p>O encontro com a arte e a educação física na prática pedagógica de uma professora de geografia / Marilda Aparecida Rezende. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Eliana Ayoub.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1.Memorial. 2. Arte. 3. Educação física. 4. Geografia. 5. Formação de professores. 6. Prática pedagógica. I. Ayoub, Eliana.II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>08-470-BFE</p>
-------	--

**Universidade Estadual de Campinas**

Faculdade de Educação

Coordenação de Pós-Graduação

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



UNICAMP  
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARILDA APARECIDA REZENDE

**O ENCONTRO COM A ARTE E A EDUCAÇÃO  
FÍSICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA  
PROFESSORA DE GEOGRAFIA**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARILDA APARECIDA REZENDE

**O ENCONTRO COM A ARTE E A EDUCAÇÃO  
FÍSICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA  
PROFESSORA DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Especialização para obtenção do grau de  
Especialista em Educação pela Faculdade de  
Educação da Unicamp, sob a orientação da  
Profa. Dra. Eliana Ayoub.

CAMPINAS

2008

Dedico este memorial à minha mãe Maria de Lourdes Silva Rezende, ao meu pai, Washington Cunha Rezende (in memória) e aos meus filhos Maria Heloiza e João Pedro pelos ensinamentos, carinho, apoio e presença imprescindível em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado forças, sabedoria e um destino a ser cumprido.

A minha gratidão é a mim mesma por ter me empenhado, acreditando que iria superar os desafios (até o de escrever este memorial).

Aos meus filhos que sempre com muita compreensão permitiram minha ausência.

À minha mãe mais do que companheira, uma alma generosa que esteve sempre mesmo sem entender, a me apoiar e incentivar.

À Nana, mulher guerreira, inteligente e de alma pura. Caridosa, humana!  
OBRIGADA QUERIDA!!!

Ao grupo de Assistentes Pedagógicos: Ângela, Ieda, Perci, Roselene, Paula que sempre estavam prontos para trocarmos informações e nos fortalecermos como equipe.

À Marelise que sempre com carinho atenção me orientou e me motivou para que concluísse os escritos deste memorial.

A todos os professores do Proesf, que me mostraram tantos conhecimentos.

À ex-secretária da educação do município de Itatiba, prof<sup>a</sup> Isabel Barreiro, pela visão futurista que tornou realidade a graduação de centenas de professoras da rede municipal de Itatiba e meu ingresso no Proesf.

Aos meus alunos que confiaram no meu trabalho e compartilharam comigo os conhecimentos e as práticas pedagógicas e da cultura corporal.

A minha sobrinha Ana Carolina, pela atenção e o cuidado na formatação deste trabalho.

Ao Evandro Baladi, meu grande amigo e parceiro na troca de informações, leitura e sugestão para conclusão deste trabalho.

À Fátima, secretária do Proesf, pelo apoio na parte burocrática e pedagógica.

*“É tão belo como um sim numa sala negativa.  
Belo porque é uma porta abrindo-se em mais saídas.  
É belo porque com o novo todo o velho contagia.”*

João Cabral de Melo Neto

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
CAPÍTULO I – Quando tudo começou.....	8
CAPÍTULO II – A universidade e a formação docente.....	14
CAPÍTULO III – O Proesf mudando minhas concepções pedagógicas.	21
CAPÍTULO IV - Minha experiência docente no ensino superior.....	26
4.1. – As Aulas de Arte.....	27
4.2. – As Aulas de Educação Física .....	34
CAPÍTULO V - A importância da roda e do registro.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	55

## APRESENTAÇÃO

O presente memorial é fruto de um trabalho de Conclusão de Curso de Especialização<sup>1</sup> da UNICAMP.

O curso foi estruturado em dois módulos. O primeiro pautado no embasamento teórico, com aulas em período integral. O outro PROESF – Programa Especial de Formação para Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas, no qual os alunos do curso de especialização tiveram a função de Assistentes Pedagógicos.

Muitos foram os parceiros e atores que acompanharam, e tornaram possível a elaboração deste memorial.

A descrição que se segue tem como objetivo contar cenas do cotidiano que viveu na escola como aluna e como professora de geografia no ensino fundamental e médio e na universidade, dando aula de Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte e Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física no curso de Pedagogia do PROESF na Unicamp e de Práticas de Docência na Faculdade Anhanguera.

O enfoque principal será dado à influência das várias linguagens, as da arte, as da escrita e da cultura corporal que nos permitem vivenciar na sala de aula a emoção, a sensibilidade, o pensamento, a criação, seja por meio de nossa própria produção, seja por meio das obras dos mais diversos autores e artistas (músicas, textos, filmes, poemas).

É sobre a importância de levar a cultura corporal para dentro da escola que inicio minha reflexão.

---

<sup>1</sup>Curso de Especialização “Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores: Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento”, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

## CAPÍTULO 1 – QUANDO TUDO COMEÇOU

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.  
(Ecléa Bosi, 1995, p.55)

Começo a narrar a minha história de vida, apesar de não ser nada fácil, pois vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é tomar consciência do que fazemos facilmente de forma automática.

Sendo assim “Que vai ser quando crescer?”, perguntavam os mais velhos.

Drummond (1987, p 37.) dizia “Vivem perguntando em redor. Que é ser?”.

É ter um corpo, um jeito, um nome?  
Tenho os três. E sou?  
Tenho de mudar quando crescer?  
Usar outro nome, corpo e jeito?  
Ou a gente só principia a ser quando cresce?  
É terrível, ser?Dói?É bom?É triste?  
Ser, pronunciado tão depressa e cabe tantas coisas?  
Repito: ser, ser, ser, er, er.r..  
Que vou ser quando crescer?  
Sou obrigado a? Posso escolher?  
Não dá para entender. Não vou ser.  
Vou crescer assim mesmo.  
Sem ser esquecer

Eu dizia: Vou ser professora!!!

E tornei-me professora Hoje atuo em Itatiba/SP, como professora efetiva de geografia na rede municipal de ensino e também no Colégio Objetivo. Em Campinas, dou aula de Prática de Docência e Gestão na Faculdade Anhanguera – unidade 3, no curso de Pedagogia. Fui professora do Programa Especial de Formação de Professor da Região Metropolitana de Campinas, o PROESF, de 2003 a 2007, lecionando as disciplinas Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte e Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física.

Mas, foi um longo caminho para chegar onde estou hoje.

Tudo começou em Santa Rita do Passa Quatro/SP, mas ainda pequena meus pais mudaram-se para Itatiba. Viemos morar em uma fazenda na qual meu pai era administrador.

Cresci estudando numa escola rural. Andava quase 4 km para chegar à escola, meu pai só levava de carro em dias de chuva ou de muito frio. Era uma escola pequena que atendia crianças da redondeza e lembrando sinto saudade do cheiro gostoso da sopa preparada com carinho pela Dona Rosa, uma italiana gorda muito simpática. Ela cultivava os legumes e sempre que podíamos íamos até a horta ajudá-la a regar ou semear. Era tudo prazeroso.

Acabei a 4ª série e como prêmio pude participar de uma excursão à São Paulo, pois morava em Itatiba e não conhecia uma cidade grande. Fui ao passeio na companhia do meu irmão (10 anos mais velho que eu), pois minha mãe tinha medo que algo acontecesse. Neste passeio conheci o aeroporto de Congonhas, pudemos até entrar num avião, depois fomos ao Jardim Zoológico. Que lugar lindo!

São Paulo, que só via na TV (ainda em preto e branco), vista assim de pertinho, era algo inexplicável. Naquela época (década de 1970), São Paulo já era uma grande cidade e pensar que nem havia tantos carros e prédios, mas já era um espetáculo de se ver. Voltamos todos encantados, nunca havíamos visto de pertinho um edifício e tantos carros e sons diferentes.

Acabada a 4ª série, tinha de cursar o ginásio na cidade e para tanto teria que caminhar 2 km e depois pegar o ônibus para percorrer mais 12 km, que em dias de muita chuva não transitava, a estrada era de terra. Quanto sofrimento! Saía muito cedo andava até o ponto e depois, da rodoviária até a escola, era outra caminhada.

Fui para a escola com tanta expectativa e medo, pois a escola era grande, as pessoas eram diferentes e a cidade com a qual não estava acostumada me amedrontava, tinha sempre a impressão que seria atropelada, de tanto que minha mãe recomendava “presta muita atenção ao atravessar a rua, cuidado!”.

Recordo-me do primeiro dia de aula: o diretor, um senhor muito austero, entrou na sala de aula deu tantas informações, passou tantos “não pode”, além disso, nos informou o horário das disciplinas e os nomes dos professores. Quando ele disse que as aulas de

educação física seriam no período da tarde fiquei tão preocupada! Como faria? Onde iria ficar até chegar o horário de tal aula?

Anos mais tarde, quando fazia o curso de especialização do Proesf, compreendi que minha angústia juvenil não era única e pessoas da área da Educação Física preocupavam-se com essa situação. Por ocasião da disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física pude ter contato com o livro de Coletivo de Autores (1992, 42) que dizia: *“As aulas oferecidas em outros turnos, causam ônus aos alunos das camadas populares (...)”*

Chegando em casa, muitas foram as perguntas sobre o 1º dia. Ao mesmo tempo em que me sentia feliz, quase adulta, porque era muita responsabilidade, um professor para cada disciplina, a vida na cidade etc., mas o que de fato estava sentindo era muita vontade de desistir. Tal situação me preocupava, amedrontava-me... meus pais percebendo minha insegurança procuraram pelo diretor da escola a fim de saber se eu poderia ser dispensada das aulas de Educação Física. Meu pai justificava ao diretor que eu andava muito e na fazenda onde morávamos o meu dia era de muita atividade física, andava de bicicleta, à cavalo, nadava etc, mas o diretor foi irredutível. Só me dispensaria da aula prática, mediante atestado médico, mas mesmo com o atestado eu deveria ficar sentada na quadra assistindo às aulas.

Meus pais, tentando me confortar, disseram que outras meninas também fariam o mesmo e seria muito divertido, pelo menos uma vez na semana eu poderia comer um sanduíche na cidade (coisa raríssima na minha alimentação e de todos naquela época).

Compramos o tal uniforme da educação física! Saias brancas pregueadas, meias  $\frac{3}{4}$  brancas, tênis bamba branco, camiseta branca e o shorts que claramente me recordo, pois achava que ficava muito feio em mim, era vermelho, fofo, com elástico nas pernas e na cintura. Eu o abominava!

As aulas de educação física demoraram para ter início, pois a professora, Dona Marta, teve de realizar os exames junto a um médico da cidade a fim de atestar nossa capacidade física para participar das aulas. O exame consistia em medir a altura, o peso e o médico fazia algumas perguntas, do tipo: “tem problema de saúde? Sofre de desmaio? Já fez alguma cirurgia?” Ouvia nosso coração e autorizava ou não a participação nas aulas. Lembro-me que a apreensão era enorme, pois havia o medo de ser ou não “autorizado”. Na

fila, enquanto aguardava a minha vez, pensava: “bom seria se ele me dispensasse”, infelizmente durante todos os sete anos (5ª à 8ª e do 1º ao 3º colegial), fui autorizada pelo médico a participar das aulas e Dona Marta foi minha professora. Ela era uma professora bastante imponente, começava as aulas fazendo com que corrêssemos ao redor da quadra, depois alguns exercícios de polichinelo, abdominais e flexões e quase no final da aula havia um jogo.

Nunca gostava de nada, morria de medo da bola, eu quase sempre era a primeira a ser queimada e cada bolada que as meninas me davam! Eu tinha até inveja daquelas que sabiam jogar, eram as mais bonitas, até os shorts delas eram mais bonitos, os corpos bonitos. Tinha uma garota que era linda, sempre de rabo-de-cavalo, a professora a deixava responsável pelas aulas. Eu quase nunca era escolhida para jogar, não tinha habilidade, acabava ficando sentada na quadra até a aula acabar e quando isso acontecia tinha de correr para rodoviária para pegar o ônibus porque se o perdesse não teria como ir para casa. Chegava em casa no final do dia exausta sem ter feito nada que me agradasse.

Hoje, analisando o que vivi, percebo que

[...] é fundamental para a prática da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas estas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas da história da humanidade: linguagem, trabalho e poder. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.39)

Em 2001, cursando a disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física, interei-me do texto “Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade”, de Carmem Lúcia Soares (1996), no qual a autora aborda a história da Educação Física escolar.

[...] A Educação Física Escolar tal como a concebemos hoje – como matéria de ensino – têm suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Com a criação dos chamados Sistemas Nacionais de Ensino, a Ginástica, nome primeiro dado à Educação Física e com caráter bastante abrangente, teve lugar como conteúdo escolar obrigatório (SOARES, 1996, p.42).

Se na época já tivesse sido publicado o livro “Metodologia do Ensino da Educação Física” (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e a professora o tivesse lido, eu teria tido um outro olhar para a Educação Física, assunto que abordo posteriormente, quando trato das “Memórias da Educação Física Escolar”, em cartas escritas pelas minhas alunas no Proesf.

Assim foi da 5ª à 8ª série, sempre uma vez por semana era obrigada a ficar na cidade, para as mesmas aulas de Educação Física, tinha alunas que adoravam. Eu não!

Pouca coisa recordo desta fase, a não ser as vezes que eu e minha amiga Silvana éramos solicitadas pela profª da 4ª série, a Mazé, para ficarmos com a sala dela. De fato dávamos aula, passávamos lição na lousa e olhávamos os cadernos, ensinávamos a tabuada etc., com o aval da diretora. A Mazé fotografava para a Prefeitura e às vezes tinha de cobrir algum evento, atualmente ela é colunista social do jornal local e quando a encontro digo que e é bem responsável por eu ser professora.

No Ensino Médio, as aulas eram mais divertidas e eu já estava mais crescida (em idade, porque continuava com baixa estatura), mas ainda ficava fora das aulas. A maioria das alunas solicitava em todas as aulas pelo jogo de basquete, a professora dava a bola observava enquanto o time era montado e pronto. A professora ia para debaixo da única árvore que tinha na quadra, que não era coberta, aliás, naquela época (1980), quadra coberta era algo raro, fazia anotações no seu diário e quando a aula terminava ela apitava e nós éramos dispensados. Que alívio!

No segundo colegial, tínhamos de optar o que cursar, de acordo com o vestibular que iríamos prestar. Havia o curso de biológicas, exatas e humanas e como eu queria fazer Medicina Veterinária, fui cursar biológicas. O curso era muito bom, havia poucos alunos por sala e tínhamos aulas práticas no laboratório, das quais jamais me esqueço. Segundo Cury (2003, p.69)

[...] a memória humana é um canteiro de informações e experiências para que cada um de nós produza um fantástico mundo de idéias (...) talvez mais de 90% das informações que registramos na memória, vão para a periferia da memória e só serão reeditadas com facilidade se vivenciadas na prática.

Aprendi sobre o funcionamento do coração, através de uma aula prática em que o meu grupo levou um coração de boi. A aula foi fantástica!

Tenho saudades dessa época, pois as aulas eram mais prazerosas e a escola já não era só o espaço físico, as aulas podiam ser vividas fora dela também, com experiências, estudo do meio (tinha uma excelente professora de geografia, a saudosa Dona Teresa, sobre quem falarei mais adiante) etc.

Os laços de amizade também se fortaleceram e minhas amigas iam sempre para minha casa na fazenda, aliás, era sempre lá que fazíamos os trabalhos que, normalmente, por mais simples que fossem, levávamos muito tempo para realizar.

As meninas queriam andar a cavalo, ir ao pomar, enfim aproveitar um pouco da vida no campo. Minha mãe reclamava cada vez que dizia que tínhamos trabalho, porque ela ficava a preparar tanta coisa, almoço, bolinho de chuva, chá (refrigerante nem pensar, só nas festas importantes) etc. Que saudade!!!

## CAPÍTULO 2 – A UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DOCENTE

Na medida em que, apesar de tudo, o conhecimento científico guarda continuidade com nossa experiência comum, pode-se atingir as perspectivas de onde o universo da ciência não nos aparecerá separado de nosso universo cotidiano, de nossas preocupações, de nossos cuidados - nem nossas alegrias.  
(Snyders, 1988, 107)

Na hora de prestar vestibular, as aptidões eram várias. Eu não sabia ao certo o que queria ser, porque eu achava que fazendo Medicina Veterinária iria ajudar meu pai na fazenda. Já havia feito vários cursos na área, inclusive um de inseminação artificial que era inovador e foi muito interessante.

Prestei o vestibular na UNESP e não passei na segunda fase. Concomitante prestei Letras, pois gostava de Inglês e passei. Comecei a cursar na USF (Universidade São Francisco) – Itatiba, no período noturno, e de manhã ia à Campinas fazer cursinho pré-vestibular, pois no final do ano tentaria novamente Medicina Veterinária.

Algumas aulas na faculdade eram piores que as do colégio. Eu achava que porque eu era muito nova (17 anos apenas), estava despreparada, talvez fosse assim mesmo. Não gostava das aulas de latim, a professora era muito brava e numa prova fiz pela primeira vez uma cola, nela constava todas as declinações, que não conseguia de forma alguma decorar, entender, enfim... no dia da prova a professora postou-se ao meu lado e eu com a cola na mão, não sabia como proceder. Coloquei na boca e com ela fiquei porque a professora não saiu do meu lado, que situação constrangedora, o papel não derretia, o tempo não passava para que eu pudesse entregá-la, jamais esqueci este episódio e normalmente conto aos meus alunos. Tudo é válido e pude descobrir duas coisas: que não sabia colar e que é muito difícil um sulfite se dissolver.

Óbvio que não consegui nota e decepcionada comigo mesma optei com o apoio de meus pais em não continuar cursando Letras no ano seguinte, já que ficaria retida na disciplina latim.

Era 1983, prestei vestibular para Medicina Veterinária em Universidades Federais e Estaduais e Estudos Sociais na USF. Desta vez passei na 2ª fase de Veterinária, mas não fui tão bem classificada, ficando na lista de espera.

Minha mãe não queria que eu fosse morar fora, motivou-me a fazer a matrícula em Estudos Sociais, ela visava que eu poderia terminar o curso e lecionar em Itatiba. Nesta época (1982), já havíamos mudado para a cidade e a vida com os animais não era mais tão significativa. Resolvi então fazer Estudos Sociais e não fui morar e estudar Medicina Veterinária, em Botucatu/SP, apesar de ter sido chamada para realizar a matrícula.

O curso de Estudos Sociais era de dois anos e iria me graduar como professora de 5ª à 8ª série nas disciplinas de Geografia, História, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Terminei o curso em 1984 e em 1985 iniciei o curso de dois anos na graduação em Geografia na USF.

No segundo ano da Faculdade, ou seja, em 1984, já havia falta de professor de geografia, história e a convite da professora que orientava os estágios, comecei a dar algumas aulas, eram apenas quatro (ainda me sentindo despreparada), na cidade de Louveira/SP.

Em 1985, assumi aulas em uma escola de ensino fundamental, antigo primeiro grau - na cidade de Várzea Paulista/SP, a 35 km de Itatiba/SP, onde morava e estudava. Vivi nesta escola uma realidade que nem na televisão havia visto algo igual. Na faculdade, não nos prepararam para o real contexto da escola. A diretora nos pedia que trabalhássemos de forma diferente com atividades que instigassem os alunos e despertassem neles o interesse pela escola e que nossas aulas fossem prazerosas. Segundo Freire (1993, p.25)

[...] quando a atividade pedagógica desloca seu centro da cabeça do adulto para a ação da criança e mais especialmente em jogo, a primeira coisa que perde sentido é a divisão em áreas programadas. Tornando-se então necessário um preparo muito maior da professora para partir de uma atividade espontânea do aluno, localizar e orientar sua assimilação do mundo [...]

Atendendo ao pedido da diretora, trabalhávamos em conjunto com atividades lúdicas, lembro-me que o professor de Educação Física e o de História eram amigos e tocavam violão, o que facilitava o desenvolvimento de muitas atividades e trazia alegria à criançada e ao ambiente escolar. Foi nesta escola que pela primeira vez não via o professor de Educação Física sempre com bola e apito na mão e eu até achava errado, na minha concepção eram dois professores safados que não queriam dar aula e faziam os alunos de bobos e eles gostavam. Hoje sei que eles estavam certos.

Em 1986, comecei a dar aulas no Colégio Objetivo, na cidade de Jundiaí. Dava aula de geografia para as séries do Ensino Médio e Cursinho. Tive de estudar tanto, pois na faculdade estudava para ter nota nas provas. Muitas vezes sentava para estudar para dar as aulas e deparava-me com nomenclaturas que não lembrava ter visto na faculdade e como socorro tinha minha amada mestra, a Dona Teresa. Ela havia sido minha professora no Ensino Médio e na Faculdade e suas aulas eram divinas! Ela explanava sobre qualquer assunto (relevo, clima, economia etc), com tanta desenvoltura e paixão que o distante ficava tão próximo e era possível visualizar, concretizar o que ela dizia. Ela dava aulas com paixão de ensinar, dizia sempre que queria que fôssemos bons professores. Cury (2003, p.67) diz “*Os pais e professores lutam pelo mesmo sonho: tornar seus filhos e alunos felizes, saudáveis e sábios [...]*” e de fato aprendíamos. Tinha com essa professora um elo de ligação bastante interessante e ela me socorria, orientava-me não só como explicar fenômenos geográficos, mas também como lidar com algumas situações com os alunos, pois ainda era muito imatura e no cursinho, principalmente, a realidade era diferente. Trabalhei no Colégio Objetivo em Jundiaí até 1990, quando vim embora lecionar na unidade Objetivo em Itatiba, onde estou até hoje.

Em fevereiro de 1987, foi minha formatura. Uma festança, para apenas 15 formandos de geografia e história.

Se todos que iniciaram o curso concluíssem seríamos no total de 70 geógrafos, mas a maioria mudou de curso ou desistiu devido às greves dos professores na Universidade, ou por problemas financeiros ou ainda porque na época do estágio descobriram como seria ser professor caso não seguissem ir para pesquisa e muitos mudaram de curso (na época, engenharia civil contemplava muitas das disciplinas da geografia).

Pensando neste fato, recorro-me de uma matéria que li recentemente na Folha de São Paulo, de 09/06/08, no Caderno Cotidiano, referente à Pedagogia, que tratava da falta de professores no mercado de trabalho, questionando por que os alunos no Brasil, na América Latina, não se interessam em trabalhar com educação. A reportagem apresenta também uma pesquisa que conclui que a maioria dos melhores alunos das escolas públicas e particulares não se interessam em seguir carreira na educação, o oposto da Finlândia e Coréia do Sul, onde os melhores alunos não desejam graduar-se nas áreas da medicina,

engenharia, odontologia etc., mas sim na Educação. Talvez os estudantes brasileiros, os amigos que iniciaram o curso de geografia comigo e tantos outros que abominam a idéia de serem professores se desinteressam por um fator cultural que de certa forma é influenciado pelas questões financeiras, já que professor no Brasil não é uma profissão bem remunerada.

Fiquei seis meses sem estudar e em agosto de 1987, a convite de uma amiga, fui cursar Pedagogia, na Faculdade Plínio Augusto do Amaral, na cidade de Amparo. O curso era aos sábados durante um ano e meio. Nesta época, eu lecionava em uma escola estadual e também no Colégio Objetivo de Itatiba. Certo dia, o diretor do Colégio Objetivo convidou-me para ser Orientadora Educacional do Colégio, já que eu estava cursando pedagogia (era este o principal requisito). De prontidão aceitei e logo em seguida passei a ser coordenadora pedagógica e anos depois (já terminado pedagogia), passei a ser diretora do colégio, no período noturno, e coordenadora pedagógica, do ensino médio.

Devo mencionar que em 1990, casei-me com um rapaz de São Paulo e, em 1992, tive meu maior e melhor presente: em 3 de novembro de 1992, nasceu minha filha Maria Heloiza. Não há palavras para explicar a magnitude do instante que se concebe a vida de um filho. Sou muito grata a esta dádiva e a outra concedida em 26 de dezembro de 1997, quando nasceu meu filho João Pedro.

Em 1998, fui cursar a pós-graduação em Psicopedagogia na Universidade São Francisco. Este curso deu-me sustentação e esclarecimento para várias dúvidas que tinha como professora e como mãe. Entendo que depois de ser mãe, meu olhar para com meus alunos, tornou-se muito diferente, deixei de usar alguns jargões, típicos de professores autoritários e passei a ser mais carinhosa e afetiva, confesso que minha mudança foi significativa. Na Psicopedagogia, descobri sobre o valor da afetividade em sala de aula e minha monografia teve o título “*Alunos fora de classe, um problema de metodologia ou de indisciplina?*”.

Por que este título na monografia? É que na época trabalhava como coordenadora pedagógica no colégio e todos os dias alunos eram colocados fora da sala de aula e claro eles, os alunos, nunca se sentiam culpados. A culpa era sempre do professor.

Analisando este tema pude concluir que as aulas devem ser significativas, prazerosas, ir ao encontro dos interesses dos alunos e o professor deve ter várias estratégias

para ensinar o conhecimento, lembrando que nem sempre é possível ser agradável, mas cabe ao professor justificar ao aluno o porquê de tal estudo.

Lendo muito sobre o assunto, comecei a observar as atitudes dos professores que sempre tinham o hábito de retirar os alunos de suas aulas e também o comportamento dos mesmos alunos em outras aulas, das quais eles raramente eram convidados a se retirar.

Concluí que faltava a alguns professores um olhar mais apurado para sua própria prática, o desejo e a paixão de ensinar de que tanto Paulo Freire fala, não era uma constante na vida desses professores, que apenas se achavam donos dos saberes e queriam controlar o silêncio, sem se importar se o aluno compreendia ou não o conteúdo. Recordo-me da fala de Içami Tiba, durante sua palestra na USF em 2006, “[...] *para o entendimento integral a criança, são cinco os passos: parar, ouvir, olhar, pensar e agir*” e isso não ocorriam.

As reclamações dos alunos resumiam-se em: *“Estou cansado”*; *“Aula chata, professor não explica direito...”*; *“Não sei o que estou fazendo aqui, qualquer lugar é melhor que estar nesta escola”*; *“Meu corpo não suporta mais ficar sentado nestas carteiras, ouvindo o professor falar e copiando exercícios”* etc.

Como coordenadora, tive algumas iniciativas de mudança, mas os professores mostravam-se irredutíveis. Tentei mostrar para eles nas reuniões (muito esporádicas, pois havia ônus e a mantenedora estabelecia que não poderíamos nos reunir constantemente) que a questão da liberdade e da autoridade nas relações aluno/professor, estava muito mal compreendida. O fato mesmo de estarmos sendo uma sociedade marcadamente autoritária, (mandonista), de que nossa cultura acha-se enfadada, nos torna incapazes de uma prática social. O aluno estava sendo preparado apenas para o vestibular, não se dava a devida importância para a competência do saber fazer, de ouvir o educando e ser ouvido por ele. Segundo Freire (1983, p.86), em seu livro “Professora sim, tia não”.

[...] a liberdade do educando, na classe, precisa de limites para que não se perca na licenciosidade, a voz da educadora e dos educandos carece de limites éticos para que não resvale para o absurdo. É tão imoral ter nossa voz silenciada, nosso ‘corpo interdito’ quanto imoral é o uso da voz para falsear a verdade, para mentir, enganar, deformar [...]

Estava evidente que a indisciplina muitas vezes era um ataque pessoal, eram adolescentes com muitos anseios e o com uma enorme circularidade de culturas e nem sempre tinham oportunidades de se manifestar.

Por ser uma escola particular, os professores acreditavam que os alunos não tinham problemas, mas eles existiam, muitos eram graves e na maioria das vezes velados, por uma questão sócio-cultural.

Aprendi nos bancos da universidade que me tornara professora com a responsabilidade de educar o filho dos outros e era isso que queria inculcar na escola. Aos poucos fui conseguindo contribuir para a melhora da prática de alguns professores, tornando-os mais responsáveis pela sua fala e postura. Faço uso de uma fala da saudosa Madre Teresa de Calcutá “(...) *muitas vezes nos sentimos como uma gota no oceano, mas se não formos esta gota, o oceano não será tão esplendoroso assim*”, para me certificar que não somos cem por cento em tudo o que fazemos, mas mesmo de forma implícita, conseguimos melhorar o universo educacional do qual fazemos parte.

Cursando a pós-graduação, pude relacionar as situações que descrevi acima e que fizeram parte do meu cotidiano com as reflexões sistematizadas dos autores que tive contato. Desse modo, descobri que a vida escolar vai além dos portões e paredes da escola e que é na escola que os alunos manifestam-se, seus corpos falam.

Em 1999, fui convidada pelo então prefeito Adilson Franco Penteado, a ser diretora de uma escola da periferia de Itatiba que acabara de ser municipalizada. Prontamente aceitei o convite, o que muita preocupação trouxe aos meus familiares, por ser esta uma escola da periferia de Itatiba com sérios problemas de drogas e violência.

Fui diretora em 1999 e 2000, trabalhando também como coordenadora pedagógica e professora de geografia no Objetivo. Era nítida a diferença na escola municipal. As crianças eram pobres, carentes de tudo, mas as produções que eles desenvolviam eram riquíssimas, totalmente diferentes da escola particular. Fiquei muito surpresa com a grandiosidade do trabalho desenvolvido pela equipe.

Nesta escola, havia um grupo de professores muito comprometidos com o ensinar, o aprender, o conhecer, desenvolviam uma inter-relação entre o corpo discente e docente, respeitando a circularidade de culturas, fazendo a “leitura dos corpos”, corpos conscientes, com medos, humildes, carentes de afetos, carinhos, alimentos etc. Nas primeiras semanas de trabalho, fiquei tão perplexa, pois não entendia como os professores conseguiam falar tão bem dos alunos, conheciam a fundo a realidade deles, a escola aqui não era igual a outra, a particular.

Na escola municipal, o mundo não era só a sala de aula. Havia um “*testemunho*” com um discurso coerente e permanente de um educador do dizer e do fazer de forma clara, desenvolvendo um processo que já havia imaginado, lido, mas não praticado, o de conhecer-ensinar-aprender. Os alunos entendiam que professores eram gente, passivos de erros e construíam identidades. A comunidade era muito presente tanto para questionar, reclamar como também para “defender” a escola.

Havia problemas sérios com drogas, brigas, tráfico dentro da escola, brigas entre gangues e várias foram as vezes que tive de ir à delegacia, dentro do camburão acompanhando os menores. Foram momentos de muito crescimento pessoal e profissional.

Em 2000, fui com outras diretoras da rede municipal e estadual, fazer na Universidade de Guarulhos o curso de Supervisão de Ensino. Neste mesmo ano, fui ser diretora de outra escola municipal, também de periferia, porém com menor número de alunos. Senti em deixar a escola que tão bem me acolheu, mas o prefeito queria que desenvolvesse com o grupo a mesma gestão que desenvolvi. Aceitei mais este desafio e, para tanto, afastei-me do Colégio Objetivo.

Em 2001, fui ser diretora de uma outra escola de periferia (a terceira área periférica da cidade), com tantos problemas como as outras duas pelas quais tinha passado. Esta escola tinha um pátio enorme com alunos de 1ª à 8ª série. Não sabia nada sobre os pequenos (1ª à 4ª série) e a entrada dos alunos para as aulas era uma confusão tremenda. Em meio aos adolescentes que empurravam, brincavam, gritavam e zoavam estavam os alunos menores (de 1ª à 4ª série). Havia muita reclamação, sempre alguém chorava no início de cada período. Em reunião com os professores decidimos colocar ordem na entrada e para tanto diferenciamos os horários, com o agradecimento dos pais e um certo descontentamento dos professores que tinham de chegar um pouco antes. Organizada a entrada dos alunos, fazia-se necessário organizar também o intervalo. Como disse, o pátio muito grande deixava os alunos com uma vontade ainda maior de correr e, obviamente, todo intervalo tinha tombos, choros e machucados. Em assembléia, decidimos que formaríamos o grêmio e os alunos poderiam facilitar em muito nosso trabalho.

Nosso trabalho com o grêmio foi muito significativo e pioneiro na cidade, pois tratavam de preservação ao meio ambiente e nos intervalos desenvolviam brincadeiras, como pular corda, amarelinha etc.

### CAPÍTULO 3 – O PROESF MUDANDO MINHAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Se me contemplo tantas me vejo, que não entendo  
quem sou, no tempo do pensamento.  
Vou desprendendo elos que tenho, alças enredos...  
E é tudo imenso...  
Formas, desenho que tive, e esqueço.  
Falas desejos e movimento – a que tremendo vago  
segredo ides, sem medo?  
O novo assusta!

Em 2002, a atual secretária de educação de Itatiba, prof<sup>a</sup> Isabel Barreiro, uma das que por um período fora mantenedora do Colégio Objetivo, senhora admirável pela visão futurista e inovadora na área da educação, fez um convênio com a Universidade de Campinas – Unicamp, para formar professores da Rede Municipal de Itatiba. Este convênio abrangia outras cidades, as da Região Metropolitana de Campinas. Nesta parceria entre Prefeitura e Unicamp, era proposto que alguns professores da rede municipal fossem capacitados para, posteriormente, com a orientação dos professores doutores da Unicamp, formar as professoras<sup>2</sup> da rede municipal que trabalhassem com educação infantil e 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série.

Para ser capacitados na Unicamp, a exigência era que o professor tivesse o curso de pedagogia e também um curso de especialização. Foi feito o convite a todos os professores da rede e quem se interessasse deveria elaborar um currículo com os diplomas e certificados dos cursos exigidos. Quando fiquei sabendo pensei em me inscrever, mas me veio a idéia de que seria para as chamadas “cartas marcadas”. Assim como eu, outras pessoas pensaram que as vagas já estavam definidas e a secretária da educação esclareceu-nos que duas professoras que compunham a equipe da secretaria da educação teriam, sim, suas vagas garantidas, mesmo participando do processo de seleção da Unicamp. Assim sendo, me inscrevi e participei do processo de seleção. Foi então que tive o prazer de conhecer os professores Sérgio Leite, Elizabeth Pereira e Ângela Soligo, os coordenadores deste curso.

<sup>2</sup>Uso o termo professoras, por trabalhamos majoritariamente com mulheres.

Uma semana depois, recebi os parabéns da secretária da educação e o meu afastamento do cargo de diretora para participar das aulas do Curso de Especialização da Unicamp. Foi tudo muito rápido. Em menos de dois dias a documentação ficou pronta e iniciou-se o curso.

Quantas descobertas... Eu, geógrafa, sempre vivi a realidade do ensino fundamental II e ensino médio, jamais imaginava um dia estudar as metodologias do ensino fundamental I e da educação infantil. Então, no Curso de Especialização, cursei a disciplina de Língua Portuguesa, na qual aprendi sobre as fases da grafia e na época, meu filho com 5 anos de idade, foi meu “cobaia” para várias atividades. Com a matemática pude aprender sobre a história da matemática, como usar o ábaco e a importância do lúdico. Se eu pudesse ter aprendido assim, as aulas de matemática teriam sido mais significativas e não tão entediantes. Em ciências, aprendi sobre as experiências; história foi fantástico, abordando o enfoque que os livros didáticos trazem sobre o ensino da história no ensino fundamental e também a importância das histórias infantis. Geografia surpreendeu-me sobremaneira, pois eu achava que sabia muito, afinal cursei geografia, lecionava geografia... Foi muito gratificante “desconstruir” conceitos decorados, prontos para uma geografia na qual o aluno passava a se sentir ativo, interagindo o corpo com o espaço geográfico. Tive a oportunidade de escrever um artigo para o prof<sup>o</sup> Wenceslao de Oliveira Junior, prof<sup>o</sup> orientador do Programa Especial para Diretores das Escolas Estaduais, através da vivência com meu filho, conforme segue:

### **- PRÔ, O SOL É OU NÃO É UMA ESTRELA?**

*História narrada pela prof. Marilda Rezende*

#### ***Uma pergunta de criança ...***

*Meu filho de cinco anos estuda numa escola de educação infantil. Durante reunião de pais, sua professora narrou um buliçoso episódio ocorrido em aula.*

*Algumas crianças estavam no cantinho da pintura, colorindo estrelas, que seriam colocadas em painel do pátio. Então, um garoto da turma perguntou para a professora:*

*- Prô, o sol é uma estrela?*

*E ela respondeu:*

*- Sim, meu querido, o sol é uma estrela!*

*Para surpresa da professora, o garoto começou a rir e seu riso espalhou-se pela sala. A criançada ria, ria ... gargalhava. No fundo da sala, num dos cantinhos, as crianças não se continham, ficavam vermelhas de tanto rir.*

#### ***E a história continua ...***

*A professora, atônita, tentava tranquilizar a classe e perguntava:*

- Crianças, por que tanto riso? O sol é uma estrela sim!!

Mais riso, mais gargalhada.

A resposta veio rápida. Agrupando forças e apelando para a Geofísica, a mestra esquematizou, na lousa, os movimentos da Terra, explicando que esta gira e por isso temos o dia e a noite.

Naquele momento, a sala ficou em silêncio, acompanhando a explicação - que parecia não convencer os pequenos. Terminada a explanação, voltam as gargalhadas e, irritada com tal comportamento, muito brava e em voz alta, a professora disse:

- O SOL É UMA ESTRELA SIM! EU FIZ FACULDADE, MEU PROFESSOR ENSINOU E PONTO FINAL! CHEEEEEEGAAAAAAA!!! É ESTRELA E ACABOU!!! ENTENDERAM????!!!

Silêncio total, expressões assustadas e até mesmo amedrontadas. Certamente as crianças não imaginavam tanta zanga.

Alguns minutos depois, o garoto da pergunta causadora de tanto alvoroço aproximou-se e, baixinho, disse:

- Professora, se o sol é uma estrela, por que ele não brilha de noite;

**A história não termina ...**

Em casa, perguntei para meu filho:

- Filho, o sol é uma estrela?

- Não sei, acho que é, a professora falou que é, eu não sei!

A irmã de dez anos resolveu explicar que, no céu, há muitas estrelas ... – iniciando um diálogo entre os dois:

- As estrelas foram desenhadas e depois coladas num pano grosso e escuro, para poderem pendurar no céu – disse ela.

- Não foram coladas, foram pintadas, Tatá!

- Tá bom, pintaram e colaram lá!

- Um pintou a estrela do escuro e a outra pintou o sol do dia – disse meu filho.

A menina tentou continuar com a brincadeira, mas percebeu que o irmão não queria mais falar sobre o assunto.

Assunto novamente presente durante o final de semana, numa chácara, onde a família estava em festa junina. Muitos fogos, crianças correndo, soltando bombinhas e volta e meia meu filho olhava para o céu, não só para ver os fogos, mas também, com certeza, para admirar as estrelas. Num destes momentos, o pai aproximou-se puxando conversa:

- Então, as estrelas estão sozinhas? O sol não está lá?

- Hoje tem um pano bem grande e cheio de estrelas aqui na chácara. Lá de casa, eles pintaram poucas, elas ficam mais longe. Aqui, elas estão agarradinhas.

- Mas, e o sol, não pintaram?

- Não, você não entende? Eles puxam o pano, aparecem as estrelas da noite, depois cansam e puxam o outro pano, azulzinho!

Com esses conhecimentos esclareceu-me a situação dos alunos chegarem na 5ª série sem saber geografia. Na verdade eles sabiam geografia, mas não a geografia que eu acreditava que eles tivessem de saber, ou seja, os meus conceitos geográficos eram apenas geográficos, não levava em consideração a leitura prévia que eles já traziam consigo. Vale a pena abrir um parêntese aqui para falar da importância das descobertas da criança, como afirma Saló e Barbuy (1977, p.42).

O adulto tem uma tarefa importante com a criança: tornar possível o assombro, valorizando o irreversível de cada vivência. Mantê-la alerta para notar o oportuno de cada etapa. Se não se mantém vigente a atitude de permanente assombro, não se poderá ver o extraordinário no mais corrente e a grande sabedoria do mais simples cotidiano.

Aprendi que é fundamental que as crianças tomem consciência de que elas estão fazendo, conquistando, apoderando-se do seu processo de conhecimento e que o professor igualmente, com elas, os dois tornam-se sujeitos desse processo na busca do conhecimento. Descobri na singeleza e competência do prof<sup>o</sup> Wenceslao de Oliveira Júnior que o professor não é o detentor do saber, que chega e disserta. O professor tem de estar sempre estudando, buscando conhecimento juntamente com os alunos e que a geografia não é atualidade como pensava, mas sim algo atual e que faz parte do dia-a-dia das pessoas.

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (LAROSSA, 2000, p.37)

Nas aulas de Arte com a prof<sup>a</sup> Márcia Strazzacapa, descobri que o ensino da Educação Artística não é apenas fazer e pintar desenhos, mas que esta disciplina é composta por quatro linguagens: música, dança, artes visuais e teatro. Que descoberta maravilhosa! Eu tive esta disciplina por vários anos e nunca nenhum professor a tratou desta forma. Em Educação Física com a prof<sup>a</sup> Eliana Ayoub (a Nana), venci meu medo, o medo da bola e dos jogos competitivos. A prof<sup>a</sup> conseguiu transmitir com eficácia a importância da Educação Física em todas as séries da educação infantil, fundamental e médio.

Aprender ginástica geral na escola significa, portanto, estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica (AYOUB, 2007, p.87).

Com base nisso descobri que a Educação Física não é apenas exercícios físicos exaustivos, como os que eu era obrigada a fazer, tão pouco jogos de futebol, vôlei, basquete etc. Mas sim, uma disciplina que tem um importante conhecimento a ser desenvolvido e que pode ser muito prazerosa.

As aulas do Proesf, no 1º semestre de 2002, foram muito gratificantes no que diz respeito às descobertas e a construção de novos conceitos, mas foi muito difícil para mim este período. Saía de Itatiba às 7h e retornava todos os dias por volta das 18h. Eram sete professoras daqui que faziam o curso do Proesf e para economizar, revesávamos carro. Mesmo assim ficou caro poder cursar, havia gasto com livros, textos, xerox, muita xerox, almoço, pedágio, gasolina etc. Estava afastada da Prefeitura e meus rendimentos diminuíram, não podia mais dar aula no Centro Paula Souza e nem no Objetivo. O cansaço era imenso, pois quando chegava em casa, as crianças que tinham ficado o dia todo sem me ver, queriam me contar o que tinha acontecido, fazer os deveres de casa deles e os meus também. Havia sempre um texto ou uma atividade para desenvolver para as aulas que eu teria no dia seguinte e para dar conta, muitas vezes ficava até altas horas estudando, preparando seminário etc.

Na segunda semana de curso, pensei seriamente em desistir, mas minha família apoiou-me, inclusive minha filha mudou-se da escola particular para escola pública, pois não tinha condições financeiras de mantê-la e me manter estudando... Lembro-me das palavras otimistas de minha mãe fortalecendo-me, encorajando-me para continuar e fazer tudo muito bem feito.

Esse período passou tão rápido e foi muito bom, pois descobri muitos conhecimentos e tive oportunidade de conhecer várias pessoas e a realidade da educação em outras prefeituras.

## CAPÍTULO 4 – MINHA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

(...) Nenhum tinha rosto. Eram reconhecíveis pela  
expressão corporal e pelo que diziam (...)  
Nenhum tinha rosto. O que diziam escusava  
resposta (...)  
Notei um lugar vazio na roda.  
Lentamente fui ocupá-lo.  
Surgiram todos os rostos, iluminados.  
(Carlos Drummond de Andrade, 1987, p.36)

Quando terminamos as aulas de capacitação tivemos de nos inscrever em duas disciplinas para que pudéssemos ensinar as alunas que cursariam o Proesf. Inscrevi-me em Geografia e Matemática, mas não sei de fato o que aconteceu e eu fui informada, para minha surpresa, que trabalharia com Artes e Educação Física e por mais que tivesse gostado das duas disciplinas não era graduada, não me achava capaz, competente. Marquei uma hora para conversar com a prof<sup>a</sup> Márcia Strazzacappa (orientadora da disciplina Artes) e ela me tranquilizou, dizendo que era um desafio e eu iria vencer com eficácia, teríamos reuniões periódicas e ela me daria o suporte que fosse preciso. A prof<sup>a</sup> Eliana Ayoub (orientadora da disciplina Educação Física), também me tranquilizou quando conversamos e assim me enchi de coragem e no primeiro semestre de 2003 iniciei as aulas da disciplina que levava o nome Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Artes.

Meu receio era ter de trabalhar com alunas que tinham o conhecimento da prática, da realidade da sala de aula, pois para cursar a Pedagogia do Proesf, as alunas tinham de estar na rede municipal e em sala de aula, na educação infantil ou no ensino fundamental I, e também por me deparar com as alunas que eram professoras na Rede Municipal de Itatiba, muitas delas já tinham trabalhado comigo, nas escolas em que eu havia sido diretora. Que medo de falhar. Durante o período que estudei na Unicamp, os comentários eram maldosos, no sentido de que estavam cursando os “protegidos do prefeito ou da secretária da educação”, o que a princípio deixava-me muito agoniada e agora, fazendo valer o que havia ido aprender na Unicamp, não poderia falhar.

As aulas tiveram início e como o número de inscritos superou o que a coordenação do Proesf esperava, foi necessário locar salas no prédio de uma escola técnica da cidade de Vinhedo.

O primeiro dia de aula foi muito interessante, as alunas já haviam cursado um semestre e, para minha surpresa, elas tinham os mesmos anseios que eu em relação às duas disciplinas (Artes e Educação Física). Acreditavam que teriam de fazer desenhos e jogar bola, pular corda, etc., mas as tranquilizei falando da ementa de Arte que dizia: “Esta disciplina de caráter teórico-prático visa introduzir os alunos em diferentes linguagens corporais e artísticas em suas relações com o processo educacional”.

Esclareci às alunas que as linguagens que seriam trabalhadas em Arte são: dança, música, teatro e artes visuais (muito semelhantes à Educação Física: jogo, ginástica, dança, esporte, luta etc.) e que os objetivos de ambas também eram similares. As aulas de Arte aconteciam no terceiro semestre, com o objetivo era a compreensão de diferentes linguagens corporais e artísticas e suas possibilidades de desenvolvimento no âmbito escolar e em Educação Física, com aulas no último semestre, o objetivo era refletir sobre o papel da educação física na escola, refletir sobre a educação do corpo na sociedade e na escola e conhecer diferentes linguagens corporais e suas possibilidades de desenvolvimento no âmbito escolar, com ênfase na ginástica geral.

As atividades tanto em Arte quanto em Educação Física eram desenvolvidas com muitas vivências corporais, leituras e produções de textos, que normalmente eram apresentadas através das linguagens da Arte (dança, teatro, música, artes visuais etc.).

#### **4.1 – As Aulas de Arte**

No CEPROVI (Centro Profissionalizante de Vinhedo), escola onde aconteciam as aulas do Proesf), a diretora, Dona Cidinha, era um tanto quanto conservadora e logo de início proibiu as alunas de usarem sapatos de salto alto porque o barulho dos saltos atrapalhava o andamento das aulas dos cursos, também as proibia de usarem o espaço externo para desenvolver qualquer atividade, até mesmo sentar-se no belo jardim interno para ler um texto.

O CEPROVI tinha uma arquitetura belíssima, mas sem vida, nela os alunos eram “proibidos” de irradiar alegria, gargalhadas, brincadeiras. Era uma escola mandonista e a diretora era quem direcionava os passos do corpo docente e discente.

Foi muito difícil trabalhar a proposta de Arte e Educação Física no CEPROVI, sendo necessário muitas vezes chegar mais cedo para explicar à diretora que usaria o estacionamento para poder desenvolver as atividades e assim conseguir seu aval. Ela “autorizava”, mas, mesmo assim, não raro, aparecia para pedir silêncio. Dizia que as nossas gargalhadas tiravam a concentração dos seus alunos, de seus professores e até mesmo a dela, que ficava curiosa para saber o que de engraçado acontecia.

Adaptamo-nos a essa sistemática e foi interessante superar estes obstáculos, pois na “escola real”, não é diferente, uma vez que as aulas de Arte e Educação Física são alvos de críticas pela indisciplina, como escreve Soares (1996) “há uma outra ordem da educação física”.

Percebemos e experimentamos que não era impossível, mas sim prazeroso e se elas, que eram minhas alunas/professoras gostavam de realizar tais propostas, o que sentiriam então as crianças ao desenvolvê-las?

As aulas eram sempre muito criativas. Em reuniões na Unicamp, com o grupo de Assistentes Pedagógicos de Arte (que era composto por Ângela Amaro, Heloisa Saviani, Marilise Deltreggia Pantarotto Perci Moreira e por mim), traçávamos estratégias das nossas aulas.

A Ângela trabalhava como coordenadora pedagógica na Prefeitura de Hortolândia e nos identificamos bastante. Várias vezes nos encontrávamos na Unicamp, para traçar novas propostas de trabalho, trocar experiências. Ela sempre tinha uma novidade, uma dinâmica pertinente ao tema trabalhado e era desenvolvida nas aulas com eficácia.

Algumas dessas dinâmicas ficaram muito bem gravadas e já utilizei nas minhas aulas de geografia e pedagogia. Dentre elas cito a que deixou marcas significativas em mim e nos alunos.

No primeiro dia de aula, após apresentar a ementa do curso desenvolvia uma atividade usando os cinco sentidos, era assim:

- em círculo, pedia que cada um fizesse no sulfite um crachá com seu nome, escrito de forma criativa, depois recolhia os nomes e os distribuía aleatoriamente, com o cuidado de não entregá-lo ao próprio dono. Com o nome cada um deveria escrever sobre aquela pessoa seguindo a instrução:

- Se esta pessoa fosse uma **Som**, seria...
- Se esta pessoa fosse um **Paladar**, seria...
- Se esta pessoa fosse uma **Imagem**, seria..
- Se esta pessoa fosse um **Tecido**, seria...
- Se esta pessoa fosse um **Cheiro**, seria...

De forma bastante criativa, pude trabalhar o relacionamento em sala de aula. Descobri que elas não se conheciam, muitas não sabiam a quem pertenciam o nome que tinham em mãos e depois socializar o que tinham escrito foi muito gratificante para quem ouviu como para quem escreveu.

Há sempre a necessidade de vivenciar, de experimentar o que nos é proposto, como cita Ferreira (1996, p.57) “[...] *Quando aos alunos é dado o direito de simplesmente experimentar, tatear, sentir o prazer de apenas explorar os materiais ou divagar entre idéias insipientes, sem o peso do compromisso de apresentação “para nota”*”.

Célia Maria de Castro Almeida, em seu livro “Concepções das práticas Artísticas na Escola” (2001) diz, entre outras coisas, que há os professores contextualiza que defendem uma abordagem sociológica e entendem que o ensino de Arte deve servir às causas sociais e formação de valores, atitudes e hábitos; que o professor tem de ser consciente de que as aulas de Arte e por minha conta acrescento que também as disciplina Educação Física e as demais disciplinas desenvolvem a auto-estima, autonomia; sentimento de empatia; capacidade de simbolizar; analisar; avaliar; fazer julgamentos; pensamento mais flexível; senso estético; compreendem as relações entre partes e todo; tornam-se capazes de expressar melhor idéias e sentimentos.

A arte é uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo, que torna as pessoas mais sensíveis.

A arte é um patrimônio cultural da humanidade. O ensino da arte tem dupla face: conservador e inovador, por isso ensinar faz parte de um processo que nos remete ao passado e ao futuro. Você ensina alguém o que já aprendeu um dia.

Nesta linha de pensamento, desenvolvemos outra atividade interessante. A dos objetos.

A proposta era que os alunos trouxessem dois objetos: um que representa algo que a pessoa goste e outro algo que não goste. Quando esqueciam de trazer de casa, solicitava que procurassem na bolsa; os alunos deveriam apresentar o objeto justificando o porquê de gostar ou não; depois os objetos eram colocados no chão no centro da sala e cada um deveria escolher um objeto e dar de presente a alguém que não fosse o dono do mesmo.

Após a troca dos presentes, os alunos eram agrupados e deveriam então criar uma peça teatral e apresentá-la. Quando era dada esta instrução eles não acreditavam ser possível em tão pouco tempo criar, ensaiar e apresentar uma peça teatral.

Era possível! Todas as vezes que desenvolvi tal atividade, o resultado foi surpreendente para mim e para os alunos.

Sentávamos depois das apresentações para avaliarmos a atividade realizada. Em meus registros encontrei as possíveis intervenções que os alunos comentaram:

- *Tem nome essa apresentação?*
- *Onde ficarão as pessoas que assistem?*
- *Onde será o espaço cênico?*
- *Como foi planejado o início?*
- *Como foi planejado o final?*
- *Houve improvisação?*
- *Houve conflito na história?*
- *Alguém se surpreendeu com algum desfecho?*
- *Qual foi o tema predominante?*
- *Qual o “peso” quando um só apresenta?*
- *Por que foi mais fácil criar a apresentação tendo o objeto como ponto de partida?*
- *É possível desenvolver tal atividade com crianças do Ensino Fundamental ou da educação infantil? Vamos experimentar?*
- *Jamais me imaginei representando, tão pouco ver “fulano” fazendo o papel de artista.*

Na semana que seguia, vinham as novidades, sempre alguém havia desenvolvido a atividade com seus alunos e diziam “[...] Professora fiz a mesma dinâmica da sala com meus alunos de 4ª série e foi muito legal. Pedi para eles trazerem o que gostavam e o que

*não gostavam, não contei porque e fizemos tudo passo a passo. Foi fantástico!! Havia tanto bicho de pelúcia [ou]...”*

Em outro momento, uma aluna que trabalhava na educação infantil, com alunos de quatro anos, me disse: *“Professora, graças à sua dinâmica do objeto, pude resolver o problema do brinquedo e da socialização do mesmo, pois meus alunos levavam brinquedo e não deixava o coleguinha brincar. Ficou muito evidente que o brinquedo poderia ser dado, presenteado ao outro temporariamente (...)”*

Era gratificante ouvir tais comentários, estava então sendo “desconstruído” o conceito de que Arte é só desenhar.

Aprendemos que as aulas de Arte na escola são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo, tornando as pessoas mais sensíveis (com essas aulas eu me tornei uma professora mais sensível).

Ficou evidente que as aulas de artes não era mais aquela que tinha como objetivo maior o “produto final” com intenção única de apresentação.

Lendo o livro de Sueli Ferreira, “O ensino das artes, construindo caminhos” (2004), pude concluir que nas aulas de Arte há um processo de simbolização – capacidade humana que requer abstração e capacidade de transformação, atividade que está ligada à necessidade de construir um conhecimento do mundo e de comunicar esse conhecimento aos outros e aprende-se criando com formas, cores, sons, silêncios, gestos, movimentos e pausas podendo ser relacionados para organizar-se num todo e expressar uma idéia, o que contribui para a organização do pensamento e desenvolvem até habilidades específicas. A autora (2004, p.61) afirma ainda

[...] que poucos alunos são capazes de reconhecer seus progressos em artes, pois geralmente os professores valorizam apenas o produto final baseado no seu padrão estético e que não ajudam o aluno a reconhecer o quanto aprendeu. O processo de expressar conhecimentos, valores e afetos por meio da arte, ajuda os alunos a compreenderem melhor os conhecimentos, valores e sentimentos que tentam expressar, conferindo sentidos plenos à atividade que realizam.

Nas aulas de Arte, aprendemos a expressar conhecimentos e sentimentos na forma de imagens, sons, gestos e movimentos e isso requer dos alunos a capacidade de concatenar idéias e habilidades, aprendemos também que são as linguagens da arte que nos permitem

vivenciar na sala de aula a emoção, sensibilidade, o pensamento, a criação, seja por meio de nossa própria produção, seja por meio das obras dos mais diversos autores e artistas.

E, seguindo esta linha de pensamento, gostaria de abrir um parêntese para citar um texto que eu mesma elaborei para as aulas de Arte, construído com base nos meus conhecimentos geográficos.

### **HISTORIA DA ARTE**

*No princípio dos tempos minúsculos grãos de todos os seres rodopiavam no espaço entre o céu e as estrelas à procura de um lugar para germinar. Chegaram ao Sol, mas o Sol, muito ardente, não era um bom lugar. Rodopiaram até a lua; e ela, sempre inconstante, ora minguante, ora crescente, ora cheia, também não era um bom lugar para germinar. Então avistaram a mãe Terra e lá desceram. Mas a mãe Terra estava coberta de água. Soprados pelo ar os grãos voaram em busca de terra seca. Nas lufadas do vento, rodopiaram de norte a sul, de leste, a oeste, e nada acharam. De repente... catapum pum pum... apareceu uma grande pedra queimando no meio a água. Era tanta a sua queimação que no fogo as águas ferviam e subiam ao ar em nuvens. Foi então que a terra seca e boa apareceu e no ventre da mãe Terra finalmente germinaram os minúsculos grãos de todos os seres.*

*Cada qual escolheu um lugar. Os mares dançaram rolando em ondas imensas, os rios desenharam seus cursos de água e as montanhas esculpiram seus contornos erguendo-se em picos. Na terra fresca e fofa as plantas cresceram, coloridas flores brotaram e doces e succulentos frutos amadureceram. O canto das aves ecoou no eco das matas e os cardumes de peixes bailaram no vaivém da correnteza das águas. Bichos grandes e pequenos, cada um a seu jeito, a mãe Terra habitou. O mundo era morado da natureza.*

*Entretanto, faltava ainda alguém. Um ser capaz de perguntar sobre o seu lugar na natureza e no cosmo. Alguém capaz de refletir sobre os muitos mistérios daquele mundo. Mas alguém que também fosse capaz de chorar e sorrir, de temer e ousar, de odiar e amar, de perdoar e esquecer, de lembrar e desejar, de criar... Alguém capaz de expressar-se sobre si mesmo e seus semelhantes, sobre o mundo e as coisas do mundo. Aí, então, o mundo estaria completo! Seria ele habitado com alma.*

*No mundo faltava o homem.*

*Foi no decorrer de muitos, muitos mil anos, osso por osso, músculos por músculo, nervo por nervo, artéria por artéria e mutação do cérebro nas longas horas de trabalho paciente, seja pelas*

*mãos divinas, seja pela mudança das linhagens, que o Homem se formou. Não conhecia seu lugar naquele mundo, tinha de encontrá-lo.*

*Ao contrário dos outros seres, o homem teve de aprender a ser valente. Algumas vezes sofria porque não entendia os enigmas da mãe Terra. Outras vezes sofria porque não entendia a alma dos seus semelhantes. Mas para suportar tudo isso e tornar-se melhor pela sua própria sabedoria, o homem inventou uma ferramenta, a linguagem. Linguagens que se tornaram inseparáveis do homem para ele penetrar na floresta sombria das coisas do mundo e desvelar para si bosques de realidade, desvelo da consciência de viver e existir. Linguagens inventoras de mundos do brincante homem criador de signos.*

*Dentre elas uma linguagem se fez especial, a linguagem da arte. Feita para o homem mergulhar dentro de si mesmo trazendo para fora e parar dentro os outros homens as emoções do próprio homem. Sabe o homem que as emoções é que são o sal da vida. Por isso é que quando um homem quer falar ao coração dos outros homens ele o faz pela linguagem da arte. Quando isso acontece, naquele homem sente e age o artista.*

Encerramos o semestre com a proposta de uma Ciranda Cultural. Os alunos deveriam em grupo pesquisar a vida e obra de um artista de sua cidade e trazê-lo para se apresentar.

Foram momentos muito interessantes e os artistas além de ganharem um certificado da Unicamp, sentiam-se valorizados.

Após as apresentações na nossa Ciranda Cultural, muitos artistas foram convidados pelas alunas do Proesf a se apresentar nas escolas, desenvolvendo suas obras quer na pintura, na música ou no teatro.

As alunas deixaram um pouco de lado as atividades de releitura das obras de Arte de pintores famosos como Tarsila do Amaral entre outros, para produzirem junto com os seus alunos a releitura da obra de um artista presente, o que relataram ter sido algo ainda mais significativo e prazeroso.

Sugeri que os alunos e eu fizéssemos um portfólio das aulas de Arte. Guardei todos os registros, dentre os quais cito o da aluna Cândida Maria Mossignati de Souza, escrito em 30/11/2006 que diz o seguinte:

[...] Último dia do semestre! Que gostoso! Vencemos mais um! Com ele também muitas alegrias, principalmente em ARTE. Quanta coisa bonita e rica, como existem pessoas maravilhosas. Não dá para falar de um artista, mas todos que aqui se

apresentaram deixaram a mensagem que não devemos desistir nunca e que em cada ser existe um eu diferente e é dessa diferença que nasce o:

Sempre

Únicos

Com

Esperança

Seremos

Sempre

O máximo

É assim que cada professor deve olhar seu aluno; a riqueza interior é capaz de fazer brotar o mais alto de todo ser. Valorize cada momento desse SER!

Professora Marilda, o grupo de Artes está de Parabéns, pois souberam abrilhantar as nossas noites de quarta-feira com conteúdo, estratégias diversificadas e alegria.

As aulas de Arte foram um show que eu quero continuar a apresentar aos meus alunos ao longo de minha carreira. Muito Obrigada!

Como escrevi anteriormente, são muitos os registros guardados e todos eles parabenizam a equipe. Que conclusão tiro dos inúmeros elogios?

O nosso corpo fala e nós falamos com nosso corpo de diversas maneiras e em diversos níveis.

Soares (1996, p.7), diz ainda:

[...] O prazer e a alegria não são finalidades da escola, mas são sentimentos presentes no caminho da criança e do jovem que vão ao encontro de um determinado tipo de saber ou que deveriam ir. A escola é um momento na vida de quem está em seu interior e não apenas uma preparação para um futuro.

## **4.2 – As Aulas de Educação Física**

Em fevereiro de 2005, foi a vez de trabalhar com a disciplina de Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física. A dedicação e o cuidado da professora Nana, com todos os detalhes, desde a ementa, as estratégias, as referências bibliográficas a serem utilizadas, deixaram-me mais tranqüila e apta para desenvolver as aulas.

O grupo que trabalharia com a disciplina de Educação Física era composto por: Marilise Deltreggia Pantarotto (já havíamos trabalhado juntas em Artes), Ieda Cezaroni, Roselene dos Anjos e eu. Posteriormente, veio integrar o grupo, a Paula Cristina da Costa

Silva (orientanda de doutorado da Nana), em substituição à Roselene (primeiro semestre de 2007) e substituindo-me no primeiro semestre de 2008.

A primeira aula foi no CEPROVI na cidade de Vinhedo/SP, com as alunas que já tinha conhecido ao trabalhar a disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte. Já sabia das dificuldades que o espaço apresentava.

As aulas para as turmas de Vinhedo teriam de ser adaptadas de forma diferente das que eram dadas aos alunos na Unicamp, pois o espaço físico era de uma sala normal (cadeiras, armários, carteiras e sem equipamentos tecnológicos). Diferente do espaço utilizado na Unicamp, onde as aulas aconteciam na sala ED 03, na Faculdade de Educação da Unicamp, com colchonetes, som, DVD, TV e posteriormente data show.

Na primeira aula, era proposta atividade do “jogo dos nomes”. Nela os alunos deveriam se apresentar, falando o nome com gestos, palmas, movimentos e todos os demais repetiam.

Depois, era pedido aos alunos que escrevessem uma carta dirigida a um interlocutor de livre escolha para falar das “Memórias da Educação Física Escolar”, para reconstruir o passado e narrar o presente, contando como é a Educação Física na sua escola atualmente. As cartas eram trocadas (aleatoriamente) para serem lidas pelos alunos a fim de anotarem pontos de destaque relacionados às memórias e à atualidade para posterior discussão.

Muitas coincidências nas cartas, as alunas mais velhas lembravam-se da camiseta, meia  $\frac{3}{4}$  e tênis branco, saia pregueada também branca e shorts vermelho, o que causava espanto aos alunos mais jovens. Eles já eram da fase da bermuda de coton, mas também tinham lembranças semelhantes, as de uma aula em que o professor era autoritário (dava exercícios físicos exaustivos) ou espontaneísta (dava a bola e os alunos faziam o que queriam).

Há narrativas em que elas adoravam as aulas de Educação Física e as que não gostavam nenhum pouco. Poucas escreveram sobre a aula de Educação Física que as ensinava sobre os movimentos do corpo, sobre a ginástica ou a capoeira. Há de se registrar que em nenhuma das cartas o professor de Educação Física citou a capoeira como uma das linguagens da Educação Física Escolar. Isto eles descobriram no Proesf. Eu também!

Depois de todas as discussões sobre o tema Memórias da Educação Física escolar, tínhamos de pensar nas aulas de Educação Física como matéria de ensino escolar e, como

tal, deveria trazer ensinamentos sobre os diferentes temas da cultura corporal, como o jogo, a ginástica, a dança, o esporte, a capoeira, entre outros. Soares (1996, p.6) afirma:

[...] estamos sempre aprendendo e só deixamos de fazê-lo quando morremos. Estar vivo, é sobretudo, estar aprendendo. Mas há diferentes saberes no mundo em que vivemos e há também múltiplos itinerários para sorvê-los, para neles mergulhar. É possível até dizer que “os itinerários para a cultura são múltiplos, mas nunca inteiramente sinalizados.

E continua:

[...] A Educação Física está na escola. Ela é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar uma nova ordem na escola... e para tanto não devemos acreditar que tudo que há em nossa formação vai se transformar em conhecimento a ser ensinado aos alunos de uma escola.

Sendo assim trabalhamos durante o semestre com vários textos e atividades que orientaram nossos alunos quanto a levar em consideração o conhecimento prévio dos seus alunos, pois eles trazem conhecimentos, andam, falam, brincam, correm, pulam, jogam, trazem em seus corpos traços de sua cultura. A Educação Física é uma disciplina em que é possível a integração, a socialização e não a exclusão.

Trabalhamos textos referentes ao tema do corpo na atualidade, frisando a questão da bulimia (numa das turmas do Proesf, havia uma garota com bulemia e deu um depoimento surpreendente, daí a importância de conhecer um pouco a realidade de nossos alunos), do padrão social de beleza, da identificação pela aparência, da postura do corpo pela imagem etc.

Esta atividade com textos sobre o corpo na atualidade desenvolvi com meus alunos de 7ª e 8ª série, para quem leciono Geografia, numa escola municipal de Itatiba e surpreendentemente os comentários nas discussões sobre os textos foram os mesmos que os alunos da Unicamp apresentaram.

Conclusão, nossos corpos estão carregados de signos e símbolos, como diz Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Eu Etiqueta” (1987).

Após realizarmos a leitura dos textos referente ao corpo na atualidade os alunos fizeram em seus portfólios alguns registros e cito a poesia do aluno Daniel Ferreira da Cunha (turma B, 2007).

### **SER GOSTOSA PRA SER FELIZ!**

Ter um corpo perfeito,  
É um desejo de todos.  
Muitos são prestigiados,  
Outros descontentados.  
Mas a ciência evolui  
E um corpo feio hoje  
Pode-se mudar,  
Fazendo muitas plásticas  
Pra os homens agradar  
Silicone chegou de jeito  
E deixou a mulherada  
Com algo perfeito  
Pois ter beleza é fundamental  
O natural não é mais normal  
Ser admirada por todos  
Levanta o astral  
É capaz de mudar  
A cabeça, mesmo de um membro  
Da família real  
Pois a beleza presente  
Atrai adoradores que enchem de  
Glórias e muitos presentes.  
Mas que há de vantagem na glória da beleza  
Que com o passar do tempo  
Vira uma folha seca  
E todo glamour recebido  
Se torna em pranto de alma que chora  
Por algo que nunca mais será recebido  
É a beleza da alma que nunca morre.  
Deixe a sete palmos  
E é esquecida em meio a tantas glórias  
Da beleza natural recebida.

Pelas leituras que já fiz na Geografia, na Arte e na Educação Física, como a do livro “O corpo educado” (LOURO, 1999, p.78):

[...] O eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da educação, e da EF em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe.

Abro novamente um parênteses para falar sobre a atual fase do capitalismo, na qual o ser humano está totalmente inserido.

Os avanços tecnológicos têm transformado profundamente a vida humana. As mudanças são cada vez mais rápidas e profundas. Através dos conhecimentos adquiridos com o desenvolvimento de várias áreas da ciência, o âmbito de atuação humana aumentou muito.

Mas a voracidade com que o homem tem se lançado no domínio e exploração de recursos naturais tem levado a desequilíbrios na natureza e ao rareamento de recursos básicos à vida. A poluição do ar e da água, a crise energética, o desequilíbrio ecológico, a descaracterização da individualidade são algumas das conseqüências da relação que temos estabelecido com a natureza: de exploração para consumo.

Algumas das principais causas dessa situação são a fragmentação do conhecimento e a crescente especialização da ciência. Essa fragmentação do saber compromete uma visão global da situação, única capaz de promover soluções eficazes para os problemas que enfrentamos.

Assistindo a um programa de TV sobre meio ambiente, recordo-me da fala do físico francês Michel Batisse que estuda os problemas de conservação da natureza e ele pergunta: “Comprenderão os homens de hoje, ainda a tempo, que não podem romper o cordão umbilical que os prende inexoravelmente a esse mundo natural que estão destruindo? Atendendo aos reclamos das fontes mais sadias de suas diversas culturas aprenderão eles enfim a viver com a natureza?”

A expectativa de uma mudança de atitude tão profunda nos leva a refletir sobre a formação do homem. Refletir sobre a educação da criança, do educador, sobre a formação dos cientistas, enfim, sobre a formação de um ser humano que não queira mais dominar e se sobressair individualmente, conquistando, a qualquer custo, poder econômico e político sobre outros homens, outras nações. Mas sim que seja capaz de conviver e participar de um processo coletivo e cooperativo. Há então o desafio de formar homens criativos, críticos e conscientes capazes de dialogar com pessoas diferentes, enriquecendo com a diversidade, no sentido de criar soluções para os problemas atuais, tão diferentes daqueles que a ciência, antigamente, se preocupava.

Sabemos que a educação não ocorre somente na escola, há outras instâncias educacionais, tais como a família, os grupos sociais, a mídia etc. que interagem na formação de indivíduo.

Louro (1999, p.7) afirma que:

[...] para alguns os corpos revelam a verdade sobre a sexualidade dos sujeitos.. A sexualidade deixa, então, de ser percebida apenas como uma questão social e política, na qual se exercitam relações de poder... os corpos são, afinal, significados pela cultura e são, continuamente, por elas alterados. Eles são históricos e inconstantes, suas necessidades e desejos mudam. Eles se alteram com novas formas de intervenções médicas e tecnológicas, com novos rituais, códigos e linguagens [...]

Durante as aulas de Educação Física, lemos muitos autores que escrevem sobre a importância do corpo no contexto social, o corpo educado, mas educado para que?

É evidente na escola pública ou particular, o desfile de marcas, o interesse em ter coisas que a mídia propaga e a necessidade de enriquecer. Os meninos principalmente têm em mente que serão jogadores de futebol e encontrarão a glória, o sucesso. E as garotas sonham com o corpo perfeito para a carreira de modelo.

O que trata o Projeto Político Pedagógico sobre as questões relacionadas à formação humana? Ele trata sim sobre a importância da circularidade de culturas na escola, trata também de uma interação interdisciplinar, da necessidade do lúdico na escola etc, para uma sociedade mais justa, com cidadãos criativos, participativos e críticos.

Mas a prática do que se registra no Projeto Político Pedagógico nem sempre ocorre. Os nossos alunos, e porque não os professores também, não se encontram preparados para mudar a concepção de que para ser feliz e bem sucedido há de ser magro, esbelto, bonito, jogador de futebol, modelo etc.

Com as aulas de Educação Física Escolar passei a observar e registrar mais atentamente o comportamento dos meus alunos de 5ª à 8ª série. As falas são muito próximas do que tratam os textos lidos. Os jovens enaltecem sobremaneira as propostas veiculadas pela mídia. “[...] cortei meu cabelo assim, gostou professora? Ficou igual do Ronaldo fenômeno”; “Pedi para minha mãe, a chuteira que o Adriano usou na copa, é cara, mais é a melhor!”; “O melhor gol que eu fiz eu dei um monte de cambalhota, duas na verdade, igual do Bebeto (jogador que está na Europa)”; “Meu sonho dona, é ir jogar no Barcelona. Vou mandar beijo para a senhora quando o Faustão me entrevistar (risos)”.

Por ser o futebol muito presente na vida do brasileiro, foi ele, o futebol, quem projetou internacionalmente o Brasil e tantos outros países, convidei meu amigo Evandro

Baladi, para falar às alunas do Proesf sobre “Os Bastidores do Futebol na visão de um atleta profissional”.

Ele é formado em Educação Física e Pedagogia e também durante muito tempo foi goleiro de vários times profissionais, como Palmeiras, Santos etc. Fui feliz no convite, pois sua fala abordou a importância de se trabalhar as vertentes da Educação Física e não só o jogo competitivo, principalmente, o futebol. Ele cita também a importância do estudo, já que há de fato um grande “jogo” de poder, tanto da mídia quanto nos clubes e muitos dos jogadores brasileiros têm apenas talento. Falta experiência e lucidez para as negociações e também em saber como lidar com a fama e o glamour. A mídia, segundo ele, tanto enaltece, quanto “destrói”. São os interesses capitalistas e há casos de atletas que acabam a carreira mais pobres do que antes.

Corpos são?

Na busca pela perfeição do corpo, a atividade esportiva se vê marcada por dinâmicas semelhantes. Para alcançar formas socialmente valorizadas, frequentemente o esporte é esvaziado de sua dimensão lúdica, de prazer e de vivência coletiva tornando-se um imperativo social e estético: malhar horas a fio na academia, praticar esportes radicais, submeter-se a regimes draconianos, tudo isso complementado com a utilização de anabolizantes, esteróides e outras substâncias para a modelagem da massa muscular e para o aumento das performances esportivas. Uma legião de “sarados” e “bombados” vem cada vez mais povoando as cenas do cotidiano. Impulsionadas por doses crescentes de testosterona natural da juventude e pela adrenalina - não tão natural mas intensamente secretada pela vida urbana - essa legião muitas vezes se aglutina em torcidas organizadas, gangues como skinheads e pitboys, e facções criminosas, sempre em busca de objetos para a descarga da poção explosiva que combinaram em si. Porém, ao lado de corpos olímpicos, com habilidades e conquistas invejáveis, observamos também lesões, ligamentos que se rompem, articulações que se desgastam, repetidas cirurgias para corrigi-las, desrespeito pelo tempo de recuperação, noites mal dormidas antes e depois das competições. Os corpos-máquina acabam por revelar sua verdadeira natureza: limitada e frágil, nem sempre confiável. Constatação insuportável para muitos que, no anseio por mais uma partida, vitória ou recorde cedem à tentação de produtos dopantes para tentar superar tais fragilidades, com mais riscos e sacrifícios do próprio corpo.

Enfim, a fala deste ex-atleta trouxe de maneira prática o que lemos em vários textos na sala de aula e o assunto expandiu-se além da sala de aula da Unicamp.

As alunas fizeram muitas perguntas, sobre vários temas e também sobre as “Marias Chuteiras” (moças bonitas que emplacam nos jogadores), a questão das drogas, dos dias de concentração, como é chegar ao topo etc. Algumas alunas o convidaram para falar em suas escolas onde o futebol é muito importante para os alunos, de qualquer série, desde os da Educação Infantil.

Com as leituras e observando os vários comentários das alunas percebi que a escola desenvolve nos alunos dois movimentos básicos, o da cabeça, para olhar para a lousa para ler o que está escrito e o das mãos para copiar o que leu.

O aluno na sala de aula está “proibido” de andar, de mudar de lugar (minha mãe conta que a carteira que ela estudava nos anos 40 era presa ao chão da sala), brincar, movimentar-se e quando chega o dia da semana que tem aula de Educação Física, a vontade de ir a escola é maior (depoimento do meu filho e de meus alunos de 5ª à 8ª série).

Perguntei a eles porque o dia que tem aula de Educação Física eles gostam mais. A resposta foi unânime: “Saímos da sala de aula, podemos correr, rir, gritar, brincar, jogar futebol...”, coisas que não fazemos nas outras aulas.

Muitas vezes o professor de Educação Física nem é tão legal, mas é ele quem proporciona a interação do corpo com um espaço diferente.

Nas minhas aulas de Geografia, principalmente as da 5ª série, procurava (não leciono para 5ª série atualmente) trabalhar o corpo no espaço geográfico. Faço-me entender narrando algumas atividades.

Levei os pequenos para a quadra após ter ensinado em sala os Pontos Cardeais (N, S, L e O) e os Colaterais (NE, SE, SO e NO). Na quadra, observamos onde era o Nascer e o Pôr do sol. Formamos quatro grupos. Vale lembrar uma estratégia que a Nana nos ensinou para formar os grupos, poderíamos separá-los pela cor da camiseta, da calça, do sapato (quem estava com tênis, chinelo, sandália), cabelo preso, brinco grande ou pequeno etc. Esta é uma estratégia que uso muito, pois possibilita a interação com outras pessoas que não as de costume.

Grupos formados todos no centro da quadra, eu dava as instruções: “Correr para o Leste”, “para o Nordeste” etc. Que farra!!! Nunca mais se esqueceram!

Outra atividade foi a Caça ao Tesouro no bosque da escola. Para trabalhar a planta da escola, eles teriam de conhecer o espaço e desenvolver estratégias para que o tesouro não fosse encontrado facilmente. Envolveu a Geografia, a Arte e a Educação Física. Quanta gritaria e desespero. Todos encontraram o tesouro – bombons!

Na sala de aula, também fazíamos brincadeiras e movimentos com o corpo, como o de Rotação ou então sentados na carteira imaginavam fazendo uma viagem ao Hoppy Hary. Que música cantaríamos? (eles cantavam). O que veríamos? (já fizeram várias vezes este percurso, o que tornava real a atividade) e depois, de olhinhos fechados, imaginavam-se na montanha russa. O carrinho virava para leste (o corpo pendia para a direita), para o oeste (o corpo pendia para esquerda), para o norte (o corpo pendia para frente), para o sul (o corpo pendia para trás). O carrinho freava, o corpo era lançado para frente. Numa das vezes, a aluna chegou a cair da cadeira e rimos muito! Todos os anos, mesmo estando na 8ª série, eles pedem para brincarmos de montanha russa. Aulas significativas deixam marcas, saudades, constrói conhecimento.

É possível aprender brincando, interagindo o corpo com o conteúdo programático nos diversos espaços. Sem dicotomias!

Registro uma poesia que minha aluna do Proesf, Maria Rita Zem Araújo (turma D, 2007), trouxe, a qual foi criada por um aluno de uma ONG em que ela trabalhava na época. A poesia não possui título.

*Nós criamos um projeto  
Educação e Poesia  
Onde inventamos versos  
Atentando pra harmonia  
Depois nós vamos à quadra  
Brincar com muita alegria.*

*Durante a aula estudamos  
O Circuito Escolar.  
Lá buscamos aprender  
Para melhor respeitar  
No vôlei, futsal, corrida  
Ou outras coisas brincar.*

*O vôlei prepara o físico  
Serve para educação  
A gente joga na quadra  
Na maior animação*

*Em duplas ou em sexteto  
Após receber instrução.  
(...)*

*Autoria:  
Francisco Ferreira Filho Diniz  
Este é o segundo trabalho realizado juntamente  
Com os alunos do Instituto São Marcos/Santa Rita, em junho de 2006.*

A brincadeira na escola é de suma importância para o desenvolvimento do aprendizado, conforme mostra o texto.

*APENAS BRINCANDO  
(Anita Wadley)*

*Quando estou construindo com blocos no quarto de brinquedos  
Por favor, não diga que estou apenas brincando.  
Porque enquanto brinco estou aprendendo  
Sobre equilíbrio e formas.*

*Quando estou me fantasiando, arrumando a mesa e cuidando das bonecas,  
Por favor, não fique com a idéia que estou apenas brincando.  
Porque enquanto brinco estou aprendendo.  
Eu posso ser mãe ou pai algum dia.  
Quando estou pintando até os cotovelos,  
Ou de pé diante do cavalete, ou modelando argila,  
Por favor, não me deixe ouvir você dizer: ele está apenas brincando.  
Porque enquanto brinco estou aprendendo.  
Estou me expressando e criando.  
Eu posso ser um artista ou um inventor algum dia.  
Quando você me vê sentado numa cadeira  
Lendo para uma platéia imaginária,  
Por favor, não ria e pense que estou apenas brincando.  
Porque enquanto brinco estou aprendendo.  
Eu posso ser um professor algum dia.  
Quando você me vê procurando insetos nos arbustos,  
Ou enchendo os meus bolsos com todas as coisas que encontro,  
Não jogue fora com se eu estivesse apenas brincando.  
Porque enquanto brinco estou aprendendo.  
Eu posso ser um cientista algum dia.  
Quando estou entretido com um quebra-cabeça,  
Ou com um brinquedo na minha escola,  
Por favor, não sinta que é um tempo perdido com brincadeiras...  
Porque enquanto brinco estou aprendendo.  
Estou aprendendo a me concentrar e resolver problemas.  
E posso estar numa empresa algum dia.  
Quando você me vê cozinhando ou experimentando alimentos,  
Por favor, não pense que porque me divirto, é apenas uma brincadeira.  
Eu estou aprendendo a seguir instruções e perceber diferenças.  
Eu posso ser um "chef" algum dia.*

*Quando você me vê aprendendo a pular, saltar,  
Correr e movimentar meu corpo,  
Por favor, não diga que estou apenas brincando.  
Eu estou aprendendo como meu corpo funciona.  
Eu posso ser um médico, enfermeiro ou um atleta algum dia.  
Quando você me pergunta o que eu fiz na escola hoje,  
E eu digo, eu brinquei.  
Por favor, não me entenda mal.  
Porque enquanto eu brinco estou aprendendo.  
Estou aprendendo a ter prazer e ser bem sucedido no trabalho.  
Eu estou me preparando para amanhã.  
Hoje, eu sou uma criança e meu trabalho é brincar.*

Esse brincar nem sempre é entendido pelos pais, pelo grupo gestor e até mesmo pelos alunos ou os professores da sala vizinha. Precisava ser mais entendido, estudado, pois nossos alunos pouco brincam, estamos na terceira revolução industrial e a distração se dá pelos equipamentos tecnológicos como computador e principalmente pelo play station.

Oliveira, em seu livro “Educação Infantil: fundamentos e métodos” (2005, p.225), afirma:

A grande flexibilidade do pensamento da criança e seu constante desejo de exploração requerem a organização de contextos propícios de aprendizagem.

A criatividade emerge das múltiplas experiências infantis, visto que ela não é um “dom”, mas se desenvolve naturalmente se a criança tiver liberdade para explorar as situações com parceiros diversos.

O que temos na sala de aula? Alunos que ficam pela rua, jogando bola, soltando pipa ou os que ficam presos em pequenos espaços, assistindo TV, fazendo uso da Internet ou de jogos eletrônicos. Lógico que a escola não é atrativa para nenhum desses alunos. Eles clamam por liberdade. O corpo necessita se movimentar.

As aulas de Educação Física, como as de Arte iniciavam com relaxamento, massagem ou apenas deitar-se para ouvir uma música. No CEPROVI, as salas eram convencionais e mesmo assim fazíamos o relaxamento, aos poucos eles mesmos tiveram a iniciativa de trazerem canga ou toalha, eu levava um rádio, amontoávamos as carteiras, sem fazer barulho para não estressar a diretora, relaxávamos. Era tudo de bom!

Alguns alunos, a minoria, achavam perda de tempo. Era apenas brincadeira!

Cito sobre este momento relatos de algumas alunas:

[...] não queria vir às aulas hoje, mas quando me lembrei que ia poder relaxar, dar risada e brincar, mudei de idéia. Por mais que a aula seja teórica, a gente consegue aprender se divertindo. É a aula mais diferente do semestre, as estratégias para compreender os textos são tão diferentes e interessantes que nunca pensei que poderia aprender alguma coisa assim, sem questionário do texto. (Maria Carolina Vicentini - turma D, 2007)

[...] gosto tanto das aulas de Educação Física, que mudei minha prática e meus alunos já notaram a diferença. Comecei a mudar com as aulas de Arte, agora ampliei meus conhecimentos e estratégias com as aulas de Educação Física... ou [...] Introduzi nas minhas aulas a massagem. A princípio meus alunos não gostavam, os meninos tinham vergonha. Hoje todos fazem e às vezes a programação tá apertada e não quero fazer a hora da massagem, eles reclamam e fazemos. Mais professoras que não cursam a Unicamp, também tem feito, é que comecei a fazer massagem nelas nas Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo, o HTPC. Isto deixou estas horas menos pesadas. (Márcia Pires de Souza Fernandes - Tuma D, 2007)

Então era assim, colocava o roteiro da aula na lousa e os alunos iam chegando, ajeitando-se, fazíamos a massagem, o relaxamento e iniciávamos as aulas, que sempre terminavam numa roda, da qual falarei mais adiante.

Introduzi a prática da massagem e do relaxamento também com os meus alunos no curso de Pedagogia na Faculdade Anhanguera de Campinas. Foi um sucesso e acabei ficando conhecida pela professora do relaxamento. Às vezes tinha aluno de outro curso no início da minha aula, inclusive na Unicamp, só para fazer um alongamento.

Em uma aula, lemos o texto “Educação Física Escolar – contribuições para uma mudança curricular” (AYOUB, BRASILEIRO, MARCASSA, 2005), que descreve como os conhecimentos foram se transformando de acordo com os interesses políticos-econômicos e sócio-culturais. Os alunos após a leitura deveriam apresentar através de forma não convencional (teatro, dança, música...) as reflexões suscitadas pelo texto.

As produções dos alunos eram fantásticas! Como exemplo, cito a produção do grupo da aluna da Márcia Pires Souza Fernandes (turma D, 2007), que criou a Paródia que segue:

Paródia Macarena

Nos anos 70  
Você tenta

Que tenta  
Brincadeira  
Diversão  
Alegria  
De que maneira.

Nos anos 80  
Repete  
Que repete  
Vôlei, Handebol  
Basquetebol  
Ai que cansa.

Nos anos 90  
Inventa  
Que inventa  
Cultura e pensamento  
O corpo movimento.

Agora chegou o tempo  
Da Alegria  
Eh! Que folia!

Vários foram os momentos com discussões pertinentes vividos nas aulas do Proesf, eu como aluna e depois com minhas alunas. Discussões que me deram sustentação para “defender” a professora de 1ª série na escola municipal em que leciono.

Durante o HTPC, a diretora disse que os alunos que tinham anotações na pasta não poderiam participar das aulas de Educação Física. A professora refutou a ordem da diretora e eu a apoiei. O professor de Educação Física disse que concordava com a diretora, com a professora, que para ele tudo bem o aluno ir ou não às suas aulas. Ele costumava deixar os alunos na quadra com uma bola e ficava na sala da diretora conversando, arrumando algo etc.

Fiquei muito implicada com o professor de Educação Física da minha escola, pois ele não fazia nada do que havia aprendido. Os alunos, como eu quando adolescente, passavam os minutos a não fazer nada, não aprender nada. Que pena!

O corpo de que tanto falo precisava mesmo ser mais tocado, olhado, acariciado e os alunos de 5ª à 8ª série e os da faculdade, a princípio relutavam, mas depois era isso que queriam: serem tocados, massageados, abraçados. Um dia, um aluno da 8ª série escreveu no sulfite em letras garrafais ‘DIA DO ABRAÇO! ABRACE E GANHE BÔNUS PARA O

CÉU!”. Ele caminhando pela sala com este papel, brincando... de repente começamos todos a nos abraçar. Foi emocionante! Muitas vezes esta brincadeira voltou a ocorrer.

## CAPÍTULO 5 – A IMPORTÂNCIA DA RODA E DO REGISTRO

No Proesf e também na Faculdade Anhanguera, onde leciono atualmente, terminava minhas aulas num círculo (estratégia que também aprendi com a Nana e não mais deixei de utilizar).

O que parecia ser algo comum (dávamos as mãos, falávamos o que tinha sido a aula ou o que tínhamos para compartilhar, um ou outro falava, aplaudíamos e íamos embora) passou a ser um momento muito importante.

Em todas as turmas (Artes ou Educação Física e também na Pedagogia da Anhanguera), a maioria dos alunos não se retiravam da sala antes da roda.

Percebia que muitos alunos que a princípio “ficavam por ficar” passaram a ter uma percepção e respeito pelo outro. Era um momento de descontração, de emoção de seriedade e de grandes e profundas reflexões.

A roda passou a ser um apelo simbólico de cada um, da manifestação que passou a ser de todos através de um gesto, um obrigado, uma fala, um desabafo, um elogio... A quem? A si mesmo; ao grupo; a mim - professora; a Deus pelo momento de energia positiva, descontração, aprendizado... etc.

Em um dos encontros, os desabafos na roda foram tão profundos e significativos que ao retornar para casa pela rodovia D.Pedro (45 km de estrada), me vi a pensar que a roda não era só darmos as mãos, uma simples estratégia rotineira. Naquela noite, uma aluna compartilhou o câncer que há dois meses havia descoberto a outra disse do sofrimento por ter sido traída e abandonada pelo marido...

O que é a roda? Perguntei aos alunos na semana seguinte.

Muito refletimos sobre esse símbolo, que às vezes se mostra como caracol, como labirinto, bolha, túnel... Mas que na verdade era a busca da totalidade, nela, seu símbolo próprio: a roda, o círculo, enfim, a mandala encontrada tão presente nas aulas de educação infantil.

Era o momento que induzia e conduzia à produção do conhecimento, não de um conhecimento qualquer, mas daquele que se registra, se elabora, se alicerça, se amplia e se constrói.

Conhecimento próprio do ser humano que existe sempre, em toda sua vida, tenha ele zero, cinco, dez ou oitenta anos de idade.

Fez-se uma roda, cria-se condições para fortalecer a fala, a troca etc.

Nessa reflexão, uma aluna me disse que na hora da roda parecia que se abria uma cortina e o grupo via claramente que participavam de um processo coletivo e cooperativo, no qual as diferenças individuais eram respeitadas e observadas.

Disse também que as dinâmicas utilizadas nas aulas de Arte e Educação Física foram benéficas no que diz respeito à interação e socialização dos integrantes da sala. Antes dessas disciplinas, muitos não sabiam sequer o nome dos colegas que não sentavam perto ou que eram de outra cidade. Na roda, os olhares encontravam-se!

Foi a partir daí que procurei saber mais sobre a roda e o registro.

Madalena Freire, em seu livro “A Paixão de Conhecer o Mundo” (1983, p.15), fala sobre a importância do registro

[...] o processo educativo como um todo, inquieto, curioso, vital e apaixonado. É que se, a prática educativa tem o aluno como um dos sujeitos, construindo seu processo de conhecimento, não há dicotomia entre o *cognitivo* e o *afetivo*, e sim uma relação dinâmica, prazerosa de conhecer o mundo.

A partir daí, venho trabalhando a importância da roda e do registro com meus alunos.

No livro “A Roda e o Registro – uma parceria entre Professor, alunos e conhecimento”, de Anita Warschauer (1993), Madalena Freire cita na apresentação do mesmo:

[...] Os caminhos do processo de construção da reflexão são muitos e *só cada um* (acompanhado por um educador) faz o seu. É neste sentido que o ato de refletir é libertador – porque instrumentaliza o educador (professor, coordenador, orientador) no que ele tem de mais vital: seu pensamento.

O espaço de apropriação do pensamento, “reflexão” da criança, se dá no desenho e na construção de seus textos escritos. Essa é a sua lição, sua tarefa. Tarefa que formaliza, comunica o que sabe, pensa, para assim refletir, rever, aprofundar o que necessita aprender.

O espaço de apropriação do pensamento, reflexão (teoria e estudo da prática) do professor, se dá no diário. Registro da reflexão sobre a prática cotidiana, aplicação e planejamento de sua ação junto aos seus educandos: crianças, adolescentes ou adultos. Essa é a sua lição, sua tarefa. Tarefa que formaliza, comunica o que praticou, para assim pensar, refletir, aprofundar o que sabe e o que ainda não

conhece, o que necessita aprender, aprofundar em seu estudo teórico.

Percebo que o professor, igualmente, como os alunos, os dois, sujeitos dessa busca do conhecimento, muitas vezes encontram respostas em seus registros.

Freire (1983, p.54) diz: *“todo esse processo de busca e descobertas nos desvela o processo educativo, ‘a educação como um ato de conhecimento’ que nunca se esgota, que é permanente, é vital”*

Fiz e ainda faço uso dos conhecimentos que adquiri com o curso do Proesf, no papel de aluna ou de professora. Aprendi a ter um olhar mais apurado para a circularidade de culturas que há na escola. Aprendi que o corpo do meu aluno, assim como o meu “falam”.

Nesta linha de pensamento, percebo que a escola não é só um lugar em que a criança – o aluno – vai para aprender conteúdo, mas para socializar sua cultura com os demais. A escola não é um lugar qualquer. É ela que amplia os horizontes do aluno para os novos saberes, para descobrir lugares com alegria, com significados, com desafios nem sempre fáceis, porque o aluno não gosta de coisa óbvias.

[...] o lugar da “performance” não é a escola. O caráter lúdico pode prevalecer sempre numa aula de Educação Física, desde que ela seja realmente uma aula, ou seja, um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos da sua práticas na realidade social. (SOARES, 1996, p.10)

As aulas do Proesf foram sempre alegres, direcionadas, organizadas, prazerosas com gostinho de quero mais... Queria mesmo mais aulas.

Muitos são os registros escritos dos alunos do Proesf, mas as imagens das produções apresentadas no nosso festival, a “Gymnaestrada” do Proesf, para sempre serão guardadas em minha memória. Foi bárbaro!

O Festival foi proposto não como sendo um produto final, mas apresentações construídas ao longo das vivências da Educação Física escolar, através da Ginástica.

A liberdade de criar e produzir o que quisessem, com material variado e não convencional na elaboração da composição, provocou vários conflitos nos grupos, uma vez que um processo coletivo de criação desenvolve-me em meio a tensões e acordos.

Em 2005, fizemos as primeiras apresentações das composições. As apresentações das minhas alunas de Vinhedo foram no anfiteatro do CEPROVI, as de Americana na quadra coberta da escola onde ocorriam as aulas e as de Campinas no salão de dança da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Em 2006, reunimos todas as turmas do Proesf no “I Festival de Ginástica Geral do Proesf”. Ocorreram apresentações dos grupos de Vinhedo, Americana e Campinas, com mais de 400 alunas mostrando com esplendor os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso do Proesf, não só na disciplina de Educação Física, mas também os conhecimentos que adquiriram em outras disciplinas do curso. Foi maravilhoso!

A alegria estava nos rostos das alunas e nos nossos (professoras) também!

A dedicação das alunas foi extremamente satisfatória. Preocuparam-se com a escolha da música, do ritmo, do movimento, do figurino, do momento político (era copa do mundo), dos materiais não convencionais, muitos confeccionados por elas próprias, o que resultou em belíssimas composições.

Em 2007, a greve dos professores na Unicamp acabou por atrapalhar os ensaios e fizemos na própria sala de aula. Devo informar que em 2007, não havia mais aula no CEPROVI, apenas na Unicamp.

Em 2008, por estar lecionando em outra faculdade, não lecionei a disciplina, no meu lugar trabalhou a Paula Cristina (como mencionado anteriormente).

A nossa última aula com as turmas do Proesf era sempre reservada para conversarmos sobre as composições de ginástica geral, para refletirmos sobre como foi o processo de elaboração, a escolha do tema, dos materiais, da música etc. e por fim como foi apresentar a composição e assistir a apresentação das colegas. Fazíamos a discussão oralmente e depois os alunos deveriam escrever uma carta final sobre as aulas da disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física.

Trabalhei por três anos com esta disciplina e em todas as cartas que li, nenhuma delas teceu críticas à nossa proposta de trabalho. Os elogios e as congratulações permearam sempre todos os registros. Parabéns para nós e para elas que se permitiram “abrir” para um novo olhar acerca da Educação Física Escolar.

Como diz Paulo Freire (1993, p.11)

[...] o processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa envolve a paixão de conhecer que nos insere numa busca

prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professora, educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido da criação de condições para alegria na escola [...]

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que a escola deve trazer alegria para quem nela convive, na escola, há gente e gente tem vida, tem história... e as histórias das pessoas se confundem. Quem sou eu? Quem é você? Por que nascemos? Cada pessoa tem ou procura um motivo para viver, alguns a seu modo explicam o motivo de sua existência, outros passam a vida toda procurando. Mas o que faz a vida ser vida? O que faz alguém ser feliz? Hoje se vê pessoas com vidas sedentárias, longe da tranquilidade, com tantos compromissos, tantas responsabilidades, tantos horários, milhares de pessoas se cruzando pela cidade todos os dias, mas mesmo assim muitos vivem na solidão, a rotina acelerada deixa as pessoas insensíveis para com os outros, e a consequência disso é a indiferença, a intolerância, o individualismo.

Cada um vive em seu “mundinho” fechado, com um círculo de amigos limitado, escondendo-se da violência, fazendo o que não gosta só para ter o que a mídia diz que é bom.

A vida passa e nem se vê que ela já foi, como uma flor, nasce, cresce, fica linda e depois murcha... e muitos só se dão conta quando estão no último estágio, pois um grande problema deste século, é a falta de tempo, que faz as pessoas não se importarem com seus sentimentos, tanto consigo mesmas, quanto com os outros. Felizmente há exceções, isto é, pessoas que procuram aproveitar a vida, e senti-la pelos pequenos detalhes, seja por um perfume, uma música, um filme, uma pessoa, uma lembrança, um jeito novo de olhar para as situações, que faz com que o sentimento de estar vivo venha à tona, e com ele a compaixão, a solidariedade, o companheirismo, a empatia.

Cheguei a essas conclusões observando meus alunos e a minha própria prática.

Por que nossas aulas no Proesf foram um sucesso? Porque falamos do que não se fala mais, do que muitos nem sabem que existe. Falamos de sentimentos, de companheirismo, de coletividade, de alegria, de significados, através da ginástica geral, da dança, da música, do jogo, da brincadeira, da expressão corporal.

Jamais esquecerei os momentos que vivi junto ao Proesf, como aluna e como professora. Sou grata por poder ter participado de momentos significativos alegres ou tristes na vida de tantas pessoas, momentos particulares, que só me fizeram crescer, tornar-

me uma pessoa e uma profissional melhor: melhor do que fui ontem e melhor do que estou sendo hoje.

Enfim, a escola tem então esta prática, a de que o conhecimento pode ser doado para a preparação da Vida. Muito temos de caminhar para isso, mas é com os registros e as histórias do ontem que no hoje vamos viabilizando esse sonho de amanhã.

E de onde vêm às histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permaneceu no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar.

O olhar perdido no passado nos faz descobrir os tesouros da memória e com eles reconstruir o que de importante fizemos e temos por fazer.

Sendo assim...

Devemos permanecer sempre de atalaia,  
Experimentar todos os nossos passos  
Partir da tradição, apoiar-nos nela nos  
Momentos difíceis, mas ultrapassar e abandonar  
os caminhos traçados, lançar pontes, cavar túneis,  
escalar encostas, alcançar cismos, para irmos  
sempre em busca de mais clareza e mais sol.(...)  
Tire o chapéu para o passado,  
Tire o casaco para o futuro.  
Freinet (1991, p.94-95)

Quanto aos registros?

Estes são imprescindíveis e inacabados...

Qual! não posso interromper o memorial;  
aqui me tenho outra vez com a pena na  
mão. Em verdade, dá certo gosto deitar ao  
papel coisas que querem sair da cabeça, por  
via da memória ou da reflexão. (Machado  
de Assis)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>PRADO, Guilherme do Val Toledo. MEMORIAL DE FORMAÇÃO - quando as memórias narram a história da formação,p.7

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Concepções das práticas artísticas na escola*. In: FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. Campinas: Papyrus, 2001.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Corpo*. 10.ed. Rio de Janeiro:Record, 1987.
- AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- AYOUB, Eliana, BRASILEIRO, Livia Tenório e MARCASSA, Luciana. *Educação física escolar: contribuições para uma mudança curricular*. In: BITTENCOURT, Águeda Bernardete; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado. (Orgs). *Estudo, pensamento e criação. Livro I*. Campinas: Graf. FE, 2005. p.99-111.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FERREIRA, Sueli (org) *O Ensino das Artes:construindo caminhos*. 3ªed Campinas:Papyrus,2004.
- FREINET, Celestin. *Pedagogia do bom senso*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. São Paulo: Paz e Terra, 1993
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 3. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes (Orga). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida Severina*. Rio de Janeiro:Sabiá, 1969.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. MEMORIAL DE FORMAÇÃO - quando as memórias narram a história da formação, p.7.

SALÓ, Júlia; BARBUY, Santiago. Terra, água, ar, fogo. São Paulo:ECE,1977.

SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física escolar: conhecimento e especificidade*. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

STRAZZACAPPA H. Márcia. *Dançando na chuva... E no chão de cimento*. In: FERREIRA, Sueli (Org.) *O ensino das Artes: construindo caminhos*. 3.ed. Campinas, Papirus, 2004.

WARSHAUER, Cecília. *A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
Coordenação de Pós-Graduação  
Av. Bertrand Russel, 801 – Cidade Universitária  
13083-970 Campinas - SP